

governo de seu paiz a faculdade que o expedio, e todas as causas de erro que d'ahi se podem originar, nos fazem crer que o unico criterio seguro é exigir dos candidatos afóra os casos excepcionaes determinados pela lei, todos os exames que prestam os alumnos das Faculdades, dispensando-lhes somente a frequencia das aulas.

As prerogativas legitimas da profissão, os creditos do ensino official, e os interesses vitaes da sociedade exigem esta reforma da legislação sobre o exercicio da medicina.

HELMINTHOLOGIA

A FILARIA DE MEDINA TRANSPORTADA PARA A AMERICA PELOS NEGROS D'AFRICA; PROVAS DA SUA ENDEMICIDADE NA PROVINCIA DA BAHIA, E DA SUA INTRODUCCÃO NO CORPO HUMANO PELO ESTOMAGO

(Excerptos da these inaugural do Dr. M. Victorino Pereira)

Nas Antilhas, se não ha equivoco na citação de Rey ¹, Rouppe já dizia, em 1760, assignalando a frequencia do dracunculo:

« Habitantes de Curação, dignos de fé, asseguram-me que esta molestia não era conhecida na ilha e que tinha sido importada por negros de Guiné. »

Ora, se esta é a opinião da quasi unanimidade dos helminthologistas, não só em relação a Curação como a todos os outros pontos da America para onde vieram os negros africanos, e justamente onde existem os vermes de Guiné, claro está que já se encontraria no Brazil esse notavel parasita.

¹ Geographie médicale, art. do Dict. de Med. et Chir. pratique, t. 16, pag. 112.

Vieram ao Brazil os primeiros escravos em 1525², ou pelo menos solicitou-se licença para esta primeira importação.

Entretanto, enquanto a escravisação dos indigenas foi tolerada, sendo mais facil e menos dispendiosa que a dos africanos, o numero destes infelizes, e consequentemente os vehiculos vivos do verme de Medina, foi pequeno, e apenas em algumas provincias, principalmente a então Capitania da Bahia e a do Maranhão.

Quando o Marquez de Pombal extinguiu totalmente a escravidão indigena³, organisaram-se com seu consentimento numerosas companhias para o trafico de escravos africanos.

A affluencia e transporte dos miseros negros é inconcebível: as viagens faziam-se em navios de vela, de proporções acanhadas, em que os escravos vinham empilhados quasi todos no porão e submettidos á alimentação mais insufficiente e de peor qualidade que é possível⁴.

² «O primeiro estabelecimento portuguez creado no littoral do Brazil, antes da divisão pelos donatarios, foi o de Pernambuco, na ilha de Itamaracá; o seu chefe ou director, Diogo Leite, em carta a D. João III, em data de 1525, pede a graça de 10 escravos a exemplo do que com outros se praticava. É a primeira vez que se falla em escravos africanos no Brazil.» (Disc. do senador Candido Mendes, sessão de 26 de Setembro de 1871—Annaes, 1871, parte 2ª, pag. 344). O primeiro donatario, Duarte Coelho Pereira, acabava de commandar uma armada de observação e defesa na costa septentrional de Guiné.

³ Alvará de 6 de Junho de 1755.

⁴ Martius, que esteve no Brazil em 1824, descreve horrores do modo por que se fazia o transporte dos escravos africanos para o Brazil. Em sua obra de colaboração com Spix—Reise in Brasilien, 1828—elle refere que um navio vindo de Moçambique, com 807 escravos, perdera 389 em viagem; outro, com 464, mais de metade—238; cinco navios chegados na primavera de 1828 a Bahia trouxeram 1,573 escravos e perderam 374. No anno de 1817, 20,075 escravos foram levados ao Rio de Janeiro, e em caminho morreram 2342, em 1818, 22,331, perdendo em viagem 2,429. No entretanto desde 1760 que o bill de Wilberforce abolira o trafico das colonias Inglezas. Desde 1784 começaram os Estados do Norte da União Americana a libertação dos nascidos. Connecticut, Rhode-Island, New-York, New-Jersey, etc., tinham-se nobilitado nesse empenho. O Brazil sentia pezado o jugo da metropole, agitava-se ao estremecimento convulsivo que da França se estendera á terra inteira; buscava emancipar-se; conservando entretanto no seu seio a aspidé da escravidão. Quando a commoção em todo o paiz podia attenuar qualquer medida energica e talvez violenta, desculdavam-se os homens de Estado, ou antes não vingaram as ideias de alguns; e o Brazil ficou peado no seu progresso, sem os verdadeiros foros de nação livre, desde que continúa escravizado a uma pessima instituição.

Alem disso, as aguas que serviam ao consumo d'essas desgraçadas victimas tinham sido tiradas dos paizes d'Africa e eram conservadas em tonneis immundos e lodosos, offerecendo conseguintemente as melhores condicções para que se mantivessem e propagassem os organismos inferiores.

Assim era raro, rarissimo, o negro que não soffria de filaria medinense, e por tal forma elles se familiarisaram com os habitos do verme e os meios de extrahil-o, que não se arreceiavam nem se davam por doentes quando conheciam tel-o no no corpo.

Até as creanças, que algumas ainda amamentavam-se, não eram immunes: e casos referidos por pessoas fidedignas mencionam a extracção de vermes em negrinhos de um, dous annos e pouco mais.

Quer por tradição, quer por documento historico não consta que existisse o verme de Medina no Brazil antes da vinda dos africanos. O vulgo está tão convencido disso que não acredita que o verme atacasse a individuo crioulo, mestiço ou branco.

Ainda hoje, indagando de pessoas que alcançaram o trafico em pleno horror, são todas univocas em asseverar que só se observava o bicho da Costa nos africanos. Não obstante este testemunho, adiante apresentarei factos incontestaveis que provão o contrario, isto é, que tambem se tem visto este parasita nos naturaes, de côr ou brancos; outrosim, que similhante propagação parece mais devida a uma infecção de localidade do que á transmissão contagiosa.

É de notar, infelizmente, a falta quasi absoluta de documentos historicos, e de dados scientificos ou mesmo noticiosos nos livros, aliás raros, escriptos no Brazil ⁵. Tendo-se dado a vinda dos primeiros africanos

5 A obra de G. Piso, publicada em 1648, não se occupa propriamente do verme de Guiné; porem, tratando das molestias endemicas do Brazil, falla no pulcx penetrans ou bicho de pé; dá uma noticia das suas dimensões, modo de penetração, etc., e diz que este insecto em nada se confunde com o verme de Guiné.

Alem deste animalculo, Pison menciona outros, cuja mordedura produz erythe-

vinte e cinco annos depois do descobrimento do Brazil, comprehende-se, é verdade, a impossibilidade de se encontrar trabalho ou escripto que affirme ou negue a existência dos vermes de Medina antes dessa vinda entre os naturaes do paiz descoberto.

Neste curto periodo, os descobridores mal tinham podido conhecer algumas hordas selvagens do littoral. Entretanto na historia da filaria medianaense ha entre nós tres factos que, sem duvida, demonstrão a sua importação africana:

1.º—Entre os indigenas não consta de outras epochas, e muito menos de hoje, que fosse, raras vezes, quanto mais frequentemente, observado o bicho da Costa;

2.º—Depois da importação quasi quotidiana de numerosos africanos, é que se tornou muito frequente a observação do parasita e quando medidas eminentemente civilisadoras e necessarias ao Brazil aboliram o trafico, foram escasseando os casos a ponto de haver hoje muitos medicos que, exercendo clinica, há muitos annos, poucas ou nenhuma occasião tiveram de observar-o;

3.º—Paizes diversos, nas mesmas condições climaticas que o Brazil, e para os quaes não houve importação de africanos, não consta decididamente que tenham em suas plagas similhante verme.

Os casos que ha pouco tempo ainda se observavam entre nós podiam ter sua explicação no commercio miseravel e illegal que furtivamente se fazia, desembarcando escravos em alguns pontos do nosso littoral. Um caso, ha cinco annos, observado por mim era evidentemente importado; o individuo, em quem existia o verme, e onde eu o vi pela primeira vez, era crioulo e tinha che-

mas e diferentes lesões cutaneas. Este cuidado de Pison em não omitir nem os insectos, que estão longe de se considerar como verdadeiros parasitas, autorisame a crer que, se o verme de Guiné fosse endemico, elle por certo não se descuidaria de mencional-o.

Além disso, não se pode crer que houvesse da parte d'elle ignorancia da natureza animal do verme, pois trata de confrontal-o e distingull-o do *pulex-penetrans*.

gado alguns mezes antes, da Costa d'Africa, onde estivera para não servir na guerra do Paraguay.

Rudolphi, no seu estudo bibliographico, menciona as viagens de Sloane a Jamaica, Madeira, Barbada em que se trata do verme de Guiné. Resta saber se os vermes observados em qualquer destas ilhas eram oriundos d'ahi ou tiveram ainda a origem africana (continental).

Em 1744, publica-se em allemão a obra—abcessos de dracunculos (*Geschwure von Dracunculis*)—de Robert Hutchinson e George Forbes.

Linneu estuda o parasita de Medina, classifica-o e dá-lhe um logar no genero *Gordius* com o qualificativo da especie—*medinensis*.

Ph. Fermin observa o verme de Medina na colonia de Surinam—quem *Æthiopibus solummodo infestum esse, perperam contendit*—diz elle.

Pouppé Desportes, medico real, escreve em 1770 a historia das molestias de S. Domingos, e assim se exprime em relação ao verme de Medina:

« Ils sont sujets (les nègres) a une espèce de ver rond que se forme entre le cuir et la chair, de la grosseur d'une des grosses cordes de basse de viole, et de la longueur de plus d'une aune. Ce ver se fait jour au dehors par un petit dépôt qu'on ouvre; alors qu'on l'a rencontré ou le tourne autour d'un petit bois, jusqu'à ce qu'on sente de resistance. On le laisse alors et on met de l'huile sur la partie. On fait tremper la jambe ou le bras dans l'eau, dont la fraîcheur contribue à favoriser l'expulsion de l'insecte. On reitère tous les jours la même manoeuvre jusqu'à ce qu'on soit au bout. S'il arrive qu'on le casse il faut appliquer de bons cataplasmes sur la partie; celui de fiente de vache est fort en usage pour provoquer la sortie ou la suppuration que peut y suppléer. J'ai un nègre qu'il y en sorti plus de cinquante. J'ai vu les nègres sur des habitations en être infectés tandis que les voisins n'en avaient point ».

O Haíti, amalgama inexplicavel dos mais divergentes

elementos, paiz que teve uma população de mais de dous terços escrava, e ao mesmo tempo patria que foi dos celebres e temiveis fibustiveis, heroes de tantos episodios dos bellos romances de Cooper, já em 1722 era o theatro de uma revolução de escravos contra os senhores de quem recebiam o peor tratamento. Prova isso que Pouppe escrevia em um paiz que nessa epocha teria talvez mais escravos do que nenhum outro, e consequentemente onde não se podia excluir a idéa de uma importação africana, havendo pelo contrario maioria de razão para affirmal-a.

O extracto que fizemos teve por fim mostrar:

1.º—A identidade de condições, tratamento e cautelas, com a apparição do verme assignalado por Pouppe, que não permite contestar-se a identidade de natureza e organisação entre este verme e todos os dracunculos conhecidos;

2.º—A possibilidade, verdade é que excepcional, de se extrahirem do mesmo individuo até cincoenta destes parasitas;

3.º—Que o auctor, posto que visse individuos de residencia proxima, soffrer uns, e outros não, dá a entender que a molestia é endemica dès que diz que os negros estão sujeitos (em S. Domingos) a uma especie de verme redondo, etc. ⁶

Consultando diversas obras que me pudessem informar da existencia e frequencia do verme actualmente no Haiti, não encontrei provas que me convencessem de sua endemicidade nessa ilha.

No importante artigo—Geographie médicale—do Dictionnaire de medicine et chirurgie pratique, o Sr. Rey, escrevendo a topographia medica das Antilhas, assim se pronuncia: « Le dragonneau se recontre aux Antilles

⁶ Em 1774, um outro auctor estudou o verme na ilha do Haiti. «Memoire sur le Dragonneau par A. Paré—*Journal de Med.*, t. 42, pag. 121 a 132.» As observações feitas, quer em S. Domingos, quer em Guiné, foram sempre em individuos africanos.

et particulièrement à Curaçao, où le quart de la population en est affecté et depuis de longues années.»

Davaine affirma que em estado endemico o verme só existe na ilha de Curaçao, onde adquiriu os foros de cidadão pelas repetidas importações de negros da Costa d'Africa e que delle soffriam.

Os habitantes da raça branca, nessa ilha, estão sujeitos do mesmo modo que os negros, como dão testemunho Dampier e o barão Jacquin ⁷.

Nas outras Antilhas, o verme tem sido com frequencia observado mais em individuos chegados dos paizes tropicaes d'Asia e d'Africa.

Cobbold na questão da endemicidade americana, louva-se nas asseverações de Kunsenmuller, concebidas nestes termos: «Na America, o verme de Guiné é desconhecido, salvo nas pessoas que tem tido communicações com a Africa ou outras partes em que elle é endemico. A ilha de Curaçao é a unica localidade no Novo Mundo que offerece uma apparente excepção a este facto; e fôra altamente desejavel verificar as condições do caso neste exemplo.»

Aitken só considera o verme da Medina, endemico na America, na ilha de Curaçao.

Busk alem de affirmar a endemicidade em Curaçao, estende-a a Demerara, cidade da Goyana ingleza.

Bajon menciona o verme de Guiné nos africanos da Goyana franceza; dá os caracteres geraes delle: affirma que pode occupar qualquer parte do corpo e que em um caso observou-o na conjunctiva ocular.

Isert, em 1778, publica suas viagens a Guiné, d'ahi ás Caraibas e Columbia, occupando-se, como naturalista e medico, do verme de Medina.

Até 1808, epocha memoravel para a pathologia animada e em que Rudolphi apresentou ao mundo scientifico o

⁷ Bremser — *Traité des vers* — pag. 214. O barão Jacquin teve por companheiro de viagem um europeu que em sua estada em Curaçao soffreu sem nunca ter ido à Asia ou à Africa.

producto de uma erudição vastíssima, e de observações próprias e numerosíssimas, apreciadas com tanto critério quanto talento e perspicacia; até essa epocha, digo, escriptos de menos vulto se dedicaram ao estudo da filaria medinense. Em diversos pontos da zona torrida e quente, onde a presença deste parasita fora apenas acidentalmente noticiada, novas observações vieram provar sem contestação que realmente n'elles existia endemicamente a filaria de Medina.

.....
Depois de ter, escrevendo a historia do verme de Medina, percorrido os pontos da Asia e Africa em que elle escolheu o seu *habitat*, resta-me tocar em alguns logares d'America e aportar ao Brazil.

Na enumeração e rapida apreciação das obras escriptas antes do começo deste seculo, tratei incidentemente da existencia, asseverada por diversos auctores, do verme de Guiné nas Antilhas, Goyanas, Brazil; porém sempre attribuiveis á importação africana, sem o cunho da endemicidade. Apenas em alguns logares—Curaçáo, Demerara e Surinam—com o testemunho de alguns pathologistas d'este seculo, a molestia teria os foros e a qualificação de endemica. Os tratados de helmintologia e os escriptos sobre a geographia medica de faes localidades confirmam a verdade d'este ultimo asserto.

No Brazil, disse eu, o verme sem duvida foi importado
Demonstravam-n'o.

As noticias tradicionaes, o chamar do vulgo ao verme —bicho da Costa, e a persuasão que sempre teve o povo de que este parasita só apparece nos africanos.

Paizes limitrophes, como a Bolivia, o Perú, o Chile, e que se acham nas mesmas condições climatericas que muitas provincias brasileiras, nunca tiveram importação africana e nunca soffreram, ao menos não consta, do verme de Guiné.

Entre nós, ja disse em uma nota, Pison, que escreveu

em 1648, conheceu o verme, porem não considerou a molestia endemica.

Apontando os parasitas insectos que produziam incommodos diversos, alguns pela penetração e outros por simples picada, elle falla no *pulex penetrans*, em um interessante capitulo, e vae logo estabelecendo que não ha similhaça possível entre elle e o verme de Medina. Ora, Pison, minucioso como era e quanto podia ser, não diz mais uma palavra da filaria de Medina; consequentemente não pode haver duvida de que sua opinião auctorizada sancionava o juizo do vulgo, attribuindo a molestia exclusivamente á origem africana.

Consultei a obra de Sebastião da Rocha Pitta⁸, que tão boa noticia dá á pathologia brazileira da epidemia da bicha (febre amarella), e que foi publicada em 1800, no reinado de D. João VI; fil-o só por curiosidade historica não contando encontrar, como realmente não encontrei, esclarecimentos sobre a questão de que me occupo.

No anno seguinte foi vertida para o nosso idioma, por Vieira de Castilho, a obra de Dazille—*Observations sur les maladies des noirs*. O campo de observação para o illustre medico francez foi Minas, e o traductor, na carta que precede ao trabalho traduzido, emittindo idéas muito humanitarias e de admirar naquella epocha em relação aos soffrimentos dos pobres negros, apresenta a obra de Dazille como um quadro fiel da degradação, das misérias e das enfermidades da gente africana no Brazil.

Entretanto compulsando as paginas deste livro, não se encontra uma palavra sobre a filaria, e apenas um pequenito capitulo a tratar de vermes intestinaes, emprego do *semen-contra*, autopsias de casos em que não se cuidou de curar os vermes, etc.

Esta lacuna, ao menos quanto á pathologia dos negros em outras localidades do Brazil, talvez tenha sua explicação no seguinte: Minas, capitania central, recebia seus

⁸ Historia da America Portugueza, desde o anno de 1500 até o de 1724—Sebastião da Rocha Pitta.

escravos depois de uma viagem muito longa, em que tempo de sobra havia para o verme chegar ao termo de sua evolução e separar-se do organismo que o hospedara. Além disso accresce que esta provincia, não obstante achar-se aquem do tropico de Capricornio, é a mais montanhosa de suas irmãs; nella está o ponto culminante do systema orologico do Brazil; tem um clima quasi europeu e não possui pantanos naturaes permanentes.

Todas estas condições, por certo, não auxiliariam o desenvolvimento e propagação do verme se acaso elle por lá andou.

Notarei, ainda mais, que de algumas, poucas publicações que se occupão das molestias do sul do Brazil apenas uma falla-me da filaria medinense. Verdade é que não foram encontradas em nossas bibliothecas!!

Na obra de Spix e Martius—*Reise in Brasilien* (Viagem ao Brazil)—imprensa em 1828, vem alguns dados para a questão de que me occupo. Martius visita a Bahia inteira; faz uma circumstanciada descripção da cidade capital, historia os habitos, costumes dos habitantes, os actos publicos, e occupa-se tambem das molestias que affigem a população. Depois de tratar de diversas affecções que não interessão, diz elle:

« Outra penivel erupção (o *ecthyma vulgare*, conforme Bateman,) é tambem aqui muito frequente e afflige principalmente os europeus recém-chegados, como consequencia da alimentação fora do costume, e do calor e resfriamento. Além disso observão-se nos hospitaes diversas especies de exantheas (*strophulus confertus*, *lichen pilaris*, *ichthyosis*, *achores*, *herpes zoster*, e *phlyctenode*, *elephantiasis* e *frambæsia*). A elephantiasis nos pés, e as boubas manifestão-se principalmente nos negros; entretanto eu as tenho observado menos frequentes que no Rio de Janeiro. »⁹

⁹ Spix und Martius: *Reise in Brasilien*, 1828, vol. 3, pag. 649. « Jener schmerzhaftige Hautauschleige, die Sarna (*Ecthymavulgare*, nach Bateman) ist auch hier

Não falla sequer no verme de Medina; adiante, porém, tratando do commercio de escravos, como se fazia o seu transporte, dos logares em que elles se accumulavam até serem vendidos, Martius trata das molestias que aos centenares os dizimavam, e entre ellas cita a filaria medinense. « Chegados aos portos do mar no Brazil, eram os escravos aboletados em grandes casas de taboas (trapiches) na vizinhança do porto, onde jaziam sobre o chão frio, quasi sempre cobertos por vergonha, apenas com um pedaço de panno de cor (da Costa), e juntos uns dos outros; frequentemente succumbiam a molestias que tinham arrebatado no caminho a uma parte de seus infelizes companheiros de viagem. Eis que molestias: febre nervosa, febre intermittente, tetano, mal de Loanda, inflammação, suppuração e gangrena do anus (bicho); muitas vezes, como consequencia da febre nervosa, o sarampão; outras, as bexigas, inflammação chronica do figado, do baço (ressicação dos bofes), cegueira, vermes e *vena medinensis* ¹⁰.

Das citações, que acabo de fazer, em que por grupos distinctos Martius menciona as molestias por assim dizer cidadãs e aquellas que acompanhavam a mercaderia infame e desgraçada, os miseros africanos vendidos para o Brazil, claramente se depreheende que o sabio

sehr häufig, und qualt besonders die neuangekommen Europaer als Folge von ungewohnter Kost, Erhitzung, Erkältung. Ausserdem bemerkt man in dem Hospitälern, noch mancherlei Arten von Exanthenen (Strophulus Confertus, Lichen pylaris, Icthyosis, Achores, Herpes Zoster, und phlyctenodes, Elephantiasis und Framboesia.) Die Elefantensfüsse und die Yaus kommen besonders bei Negern vor, doch habe ich sie weniger zahlreich, als in Rio de Janeiro beobachtet.

¹⁰ Ob. cit., pag. 668: « In den Seehafens Brasiliens angelangt werden die Sklaven in grosse Brettern Häuser (Trapiches) in der Nähe des Hafens, übersiedelt, wo sie auf kalten Erdboden, oft kaum für die Schambaftigkeit mit einem Lappen gefärbten Tuches bedeckt, nebeneinander hingelart; häufig erst noch den Krankelten unterliegen welch einen Theil ihrer unglücklichen Reise gefahrten hinweggeraft haben. Diesen sind: Nervenfeber Wechselfeber; Brustkrämpfe, blutige Ruhren (mal de Loanda), Entzündung, Eiterung und Brand des Anus (Bicho), oft eine Folge der Nervenfeber—Masern (sarampo) biswellen auch die Blattern, chronische Leber und Milz—Entzündung (Ressicação dos bofes) Blindheit, Wurmer und Vena medinensis. •

naturalista allemão, como Pison, não considerava endêmica entre nós a filaria de Medina.

Sigaud ¹¹ que escreveu quatorze annos depois, ainda exclue ou parece excluir a idéa da endemicidade. Em um interessantissimo capitulo dedicado ás molestias dos indios, elle falla da existencia da syphilis anterior (?) ao descobrimento do Brazil pelos portuguezes, occupa-se entre outros assumptos de certos insectos cujas picadas eram algumas até venenosas, como o *picum*, *carapanã*, *mutuca*, *mutuçoca*, *marium*; e entretanto guarda em relação ao verme de Medina absoluto silencio. E' de crer, pois, que se o verme fosse endêmico, Sigaud tratasse delle, como tratou dos insectos que entre os indios do Pará causavam molestias, e que attestasse a sua não importação, como procurou fazel-a com a syphilis.

Em capitulo seguinte escreve o mesmo auctor a respeito das molestias dos negros e ahí se occupa da filaria de Medina.

Refere quatro casos: porem um destes observado em um soldado, que, em 1817, recolheu-se ao hospital soffrendo do verme. Sem entrar em minuciosidades desta observação, que não é propria e sim communicada pelo pratico João Antonio de Azevedo, Sigaud não diz a nacionalidade do soldado nem se sua estada no Brazil foi precedida de alguma viagem ás colonias africanas. E' de presumir que o soldado não fosse negro e africano, não obstante já existirem companhia de pretos nas milicias ¹².

Semelhante facto não pode ter valor incontestavel: consequentemente, da obra de Sigaud se alguma coisa

¹¹ Sigaud.—Du climat et des maladies du Brésil, 1844.

¹² A respeito das molestias importadas pelos africanos, eis o que diz Sigaud (ob. cit., pag. 127): «L'introduction des nègres venus des côtes de Cabinda, d'Angola, de Benguela et de la partie orientale de l'Afrique a repandú sur les plages d'Brésil, le scorbut, le gale, l'ophtalmie, la petit vérole, le pian et la dysenterie; ce sont là les inevitables compagnons d'un trafic qui a établi entre les deux continents une change de maladies meurtrières.»

se pode liquidar em relação ao verme de Medina, é a sua manifestação entre os negros africanos.

Diversas publicações acerca do clima e enfermidades do Brazil, feitas no periodo de 1844 a 1848, acham-se em substracto no *Jahresbericht uber die Fortschritte der gesammten Medicin in allen Landern* (Anuario dos progressos de toda a medicina nos diversos paizes), ¹³ publicado pelos Drs. Canstatt e Eiseumann. O auctor de taes excerptos é o Dr. Heusinger, que, no artigo—Contribuições á geographia medica—e com a exactidão e fidelidade do character allemão, aproveita o essencial dos trabalhos de Rendu ¹⁴, Aschenfeldt ¹⁵, W. Edwards ¹⁶.

Na primeira e ultima destas publicações, parecia-me poder encontrar algns dados para o estudo do dracunculo, mas apesar de não ter sido esquecida nenhuma das molestias reconhecidas endemicas entre nós, e tambem as que mais affligem a raça negra, não se diz uma palavra da filaria de Medina.

Nesse mesmo anno (1849) davam-se aqui para o centro da provincia da Bahia alguns factos singularissimos para os medicos da capital, porem, communs ao que parece, entre os habitantes de algumas localidades.

A poucas milhas da Feira de Sant'Anna corre um rio, o Pojuca, confluyente do Paraguassú e cujas agoas n'aquella epocha eram mal vistas pela população da vizinhança, a ponto de recommendarem ás pessoas que passavam em viagem, que tivessem cuidado de não se banhar nellas. Dous ranchos ou caravanas que iam ao sertão, e de uma das quaes faziam parte os individuos que referiram ao Dr. Silva Lima estes factos, estaciona-

¹³ Tomo 1 e 3, de 1849—*Leitungen in der medicinschen Geographie*, pag. 234.

¹⁴ A. Rendu—*Études topographiques, médicales et agronomiques sur le Brésil*, Paris.

A. Rendu—*Lettre médicale sur le Brésil: Gazette médicale*, n. 31.

¹⁵ Aschenfeldt—*Bemerkungen über Milzkrankheiten in der Colonien Leopoldina in Brasilien—Hamburg. Zeitschrift* B. D. 33, S. 273.

¹⁶ W. Edwards—*Voyage up the river Amazon*, New-York 1847.

ram por algum tempo nas margens deste rio. Não obstante as récommendações, beberam d'aquellas aguas, todos, á excepção de um negro, que a isso não quiz se arriscar. Mezes depois quasi todos, e uma das excepções foi o negro, soffreram do verme de Medina (bicho da Costa.)

Um destes individuos, branco, foi examinado pelo Dr. Silva Lima, quando ainda hospedava o verme, o qual se denunciava por um relevo flexuoso e em muitas voltas, do lado direito do thorax.

Quer este individuo, quer os outros que soffreram, garantem que não se banharam nas aguas do rio, nem expuzeram-se descalços a vadear pantanos, váos ou outros quaesquer logares de estagnação das aguas.

Destes factos duas curiosissimas consequencias se deduzem que modificam as ideias admittidas sobre a endemicidade do verme e sobre o seu modo de penetração no organismo.

Ha na Bahia um ponto pelo menos em que o verme se procrea: é a primeira deducção; o verme pode penetrar no organismo pela agua que se ingere: é a segunda deducção—que vem, como mostrarei, contestar a opinião da maioria dos helminthologistas.

Era isto em 1849, disse eu. O trafico não se extinguiu, podem me objectar; quem sabe se não se deu a molestia por transmissão de individuo a individuo, como querem alguns que em muitos casos se dê?

Quando fosse possivel similhante contagio, o que não me parece real pelos habitos e condições de evolução do verme, a repetição dos factos e a persistencia de manifestação do verme naquellas localidades viria nullificar o valor que podesse ter similhante objecção.

Foi realmente o que tratei de saber.

Em quanto aqui na capital, clinicos, como o Dr. Silva Lima, contam apenas tres casos observados no periodo de vinte e quatro ou vinte e cinco annos; em quanto outros, que entregaram-se á clinica ha menos tempo, não

Ver Livro Lima
Moth. hist. 1894

tiveram uma só vez occasião de observar o verme: na Feira de Sant'Anna, em quasi toda a casa, ha quem informe ter visto em pessoa da familia ou n'um visinho, em data mais ou menos remota, o bicho da Costa.

Em uma parda actualmente aqui na cidade vi eu uma cicatriz entre o malleolo e o tendão de Achilles, deixada por um verme extrahido ha cerca de dous annos. Hoje liberta, esta mulher tem na Feira a sua antiga senhora que soffre do verme, rôto em uma tentativa de extracção, e que desde então persegue-a periodicamente de dores, retracção dos musculos, etc.

Indagando de algumas pessoas fidedignas, confirmaram-me todas ellas que ao atravessar o rio Pojuca, que fica ha tres leguas da Feira, ou mesmo o Jacuhype, que fica mais a leste e em menor distancia, recommendam as pessoas da circumvisinhança que nenhum uso se faça das aguas destes dous rios.

Ainda não bastavam estas informações; busquei outras de pessoa auctorizada por habilitações scientificas e por uma observação vasta e criteriosa.

De uma carta recebida de um illustrado e provector clinico da Feira, o Dr. Cabussú, importantes esclarecimentos obtive que se podem resumir nas seguintes asseverações:

1.^a Ha cerca de dez annos, na cidade da Feira e na freguezia de S. José, distante 12 kilometros d'elle, foram atacadas da filaria de Medina (bicho da Costa) diversas pessoas, em numero superior a 50.

2.^a O verme pareceu escolher antes as outras cores do que a preta, sendo-lhe indifferente a nacionalidade e o sexo;

3.^a *A existencia do parasita nas pessoas que não se banhavam n'agua é uma prova de que elle podia tambem ser introduzido no organismo pela ingestão dos liquidos;*

4.^a *Depois d'aquelles tempos são raros os casos pelos suburbios da cidade, e rarissimos no seu centro;*

5.^a Ainda hoje acoimam a lagôa, sita ao norte de S. José, por conservar este hospede tão incommodo;

6.^a Outr'ora era accusado o tanque chamado da Nação, ao poente, e uma fonte que nelle desagua, de contem em si o principio productor de tanto soffrimento.

A' vista do exposto não pode restar duvida de que na Feira de Sant'Anna e seus arredores existiu endemicamente a filaria medinense.

A cautela popular e instinctiva evitando o uso e a bebida das aguas, vehiculos talvez unicos dos vermes, tornou mais difficil a sua penetração.

Sendó o organismo humano uma especie de casulo em que o verme carece de aninhar-se para se desenvolver e encher de ovos, comprehende-se que, não sendo facil o seu accesso nelle, deixa-se de fazer o desenvolvimento e procreação de muitas filarias, e consequentemente redundará isto em prejuizo da especie.

Além disso, segundo uma lei de physiologia geral, as especies animaes ou vegetaes transplantadas podem por muito tempo medrar, multiplicar; porem desde que os germens não se renovam—degeneram, perecem, extinguem-se¹⁷.

Oxalá que tal se dê com a filaria de Medina; por certo que preferem todos estudal-a entre as curiosidades de um museu de historia natural, a sentil-a sob a pelle do pobre enfermo que se estorce de dores.

¹⁷ As especies morbidas parecem sujeitas a esta mesma lei: o animum e as boubas ja quasi não existem.